

O RETORNO DO RECALCADO

Putin optou pela barbárie

Paulo Sternick (psicanalista), 25/05/2022

Link: <https://blogs.oglobo.globo.com/opiniaopost/putin-optou-pela-barbarie.html>

Freud discutiu com Einstein as causas da guerra, cuja energia brota da destrutividade inata do homem, além do conflito por recursos ou domínio. Ele isolou dois contrapesos indiretos capazes de diminuir sua trágica incidência na História: a pulsão amorosa e o interesse comum das nações. A Europa, especialmente a Alemanha, confiou que isso bastaria para manter a Rússia de Putin nos limites da civilização e da paz. Mas o fantasma da democracia rondava e oprimia a mente do ditador: ele optou pela barbárie.

Excluindo alucinações geopolíticas de setores da esquerda — que, dissociados da realidade, confundem o extremista de direita russo com um herói antiamericano —, as análises convergem para um confronto no mundo entre democracia e autoritarismo. Tanto no interior das nações quanto no contexto internacional, o enfoque é incompleto. Se olharmos para o que também acontece em países como o Brasil, salta à vista um embate mais profundo entre civilização e barbárie. Entre moralidade e falta de caráter.

Está em curso a erosão da civilização, de múltiplas causas. O maior risco da desatenção é a infiltração sorrateira e camuflada da pulsão de morte. Os alemães aumentaram a dependência da energia russa e negaram o perigo de ficar nas mãos do autocrata Putin. Enquanto em Berlim alguns líderes reconhecem a imprudência, Angela Merkel se recusa a falar do assunto. Talvez necessitasse trocar Goethe pelo poeta inglês Tennyson. Há quase dois séculos, ele advertia para o “hiato de moralidade” tecido pela espécie ao dissociar a mente da alma.

A tragédia da nova guerra na Europa e o risco do conflito mundial resultam da desatenção negacionista e da vitória da barbárie sobre a civilização. O cenário foi propício, pois o hiato da moralidade vem permitindo que o progresso se alie à pulsão de morte — o aquecimento global é um exemplo. A energia mais barata do mercado é a energia russa, mas seu preço será de fato cobrado depois. Todos os sinais já estavam lá, antes de Bucha e Mariupol: Grozny, Aleppo, Crimeia, envenenamento, prisão e assassinato de opositores. Mas, enquanto fechava os olhos, a Europa enchia os cofres de Putin e gestava o ovo da serpente — um tirano complexado e paranoico à frente de potência nuclear, maior produtora mundial de cinismo, dissimulações, mentiras e fake news.

Timothy Snyder observou que, enquanto o Ocidente cochilava, os ucranianos notaram o renascimento do fascismo na Rússia na última década: “Os cultos ao líder e aos mortos, o Estado corporativista, o passado mítico, a censura, as teorias da conspiração, a propaganda centralizadora e, agora, a guerra de destruição”. Já em 2014, após a ocupação da Crimeia, Obama e Merkel sabiam que Putin vivia em outro mundo, “fora da realidade”, e confessaram um ao outro que não aguentavam mais ser enganados pelo líder russo. Mas a Alemanha deu sinal verde para o novo gasoduto.

O desafio da consciência é manter a atenção nas armadilhas da pulsão destrutiva. Ela se traveste hoje, além da guerra, na disseminação do caráter perverso, na insensibilidade neoliberal às injustiças sociais. E no ataque à democracia e a suas instituições, como no Brasil de Bolsonaro ou nos Estados Unidos de Trump. O voluntarismo arrogante e prepotente não se limita a Bolsonaro, Daniel Silveira ou a todos os que os apoiam explicitamente. Estende-se a seus cúmplices que negam os riscos do fascismo — ou até o desejam: entorpecidos eleitores, pastores e fazendeiros, centenas de deputados e senadores, cegos pelos interesses egoístas e movidos por impressionante falta de caráter.

Um paradigma de Freud alerta sobre o retorno do recalçado: o que não é admitido na consciência te pega na esquina, não raro de forma brutal e inesperada. Assim foi com a pandemia em conexão com a subestimada mudança climática. Ou com a guerra resultante da medrosa cegueira da Europa. A negação do caráter sinistro e violento da extrema direita bolsonarista, se não for contida, será, entre nós, o prenúncio de uma tragédia.